

ALGUNS ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO ENTRE OS JAVAÉ DA ILHA DO BANANAL*

Patrícia de Mendonça Rodrigues**

Resumo

Entre os Javaé da Ilha do Bananal, um subgrupo Karaiá, os conceitos de masculinidade e feminilidade são construídos no mitos, rituais e letras de músicas, expressando um ponto de vista masculino, a partir dos contrastes entre identidade e alteridade, consanguinidade e afinidade. Através da dança dos Araunãs, os homens idealizam uma volta a um tempo/espaço mítico não social, em que o tempo é estático, a morte não existe e é possível viver entre si, sem a presença indesejável do "outro", simbolicamente associado às mulheres. Sem "outros", não há relações sexuais ou qualquer outro tipo de perda da energia vital contida no corpo humano. O início da vida em sociedade, para os (homens) Javaé, é visto como o início do relacionamento com os "outros", o que teria levado à abertura dos orifícios corporais e à conseqüente perda de energia vital, principalmente através das relações sexuais. A perda de energia vital, a passagem do tempo e a morte são associadas ao surgimento de diferentes gêneros e da feminilidade enquanto alteridade.

Os Javaé são habitantes tradicionais do vale do rio Araguaia e são um subgrupo dos Karajá, que se divide entre os Karajá propriamente ditos, os Javaé e os Xambioá. Os três subgrupos autodenominam-se Iny¹ e são culturalmente

* Este artigo é uma tentativa de síntese de alguns dos pontos relativos à construção do gênero que foram desenvolvidos em minha dissertação de Mestrado, pela Universidade de Brasília, terminada em 1993, com o nome de "O Povo do Meio - Tempo, Cosmo e Gênero entre os Javaé da Ilha do Bananal", sob a orientação da Prof. Alcida Rita Ramos.

** Bolsista do CNPq vinculada ao programa de Doutorado da Universidade de Chicago, Estados Unidos.

¹ Por uma deficiência do programa de computador que utilizei, não pude escrever o y com ~ (til), grafia usada pelas etnografias mais recentes, baseadas no trabalho de pesquisa e ensino bilíngüe

Alguns aspectos da construção do gênero...

semelhantes, com pequenas variações relativas à língua e a detalhes de rituais, por exemplo. Os Karajá em geral falam a língua Karajá, pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê.

Escolhi como porta de entrada para compreender a cosmologia Javaé as crenças relacionadas ao corpo e às substâncias de que seria feito. Assim como os Apinayé [Matta, 1976, p. 87]² e os Krahó [Melatti, 1976 e Carneiro da Cunha, 1978]³, por exemplo, os Javaé partilham da idéia de que o pai, a mãe e seus filhos formam uma "comunidade de substância" [Melatti, *ib.* e Matta, *ib.*].⁴ Mais do que isso, os Javaé também possuem, no dizer de Viveiros de Castro [1986, p. 439]⁵, "a contradição entre teoria patrilateral da concepção e reconhecimento bilateral da comunidade de substância". O sangue e seus derivados, como o sangue menstrual, o leite materno ou o sêmen, seriam veículos de uma mesma energia vital, com propriedades de contaminação e poluição que transcendem a sua realidade material e visível.

O sangue e seus derivados são sadios e fonte de vida desde que mantidos dentro do corpo humano. Quando fora, em ocasiões como a menstruação, o derramamento de sangue de um inimigo ou o nascimento de um filho, pois supõe-se que o recém-

feito pelo Summer Institute of Linguistics, através de David e Gretchen Fortune, junto aos Karajá em geral, há cerca de três décadas. Assim, o *ỹ* substitui, aqui, o *y* com ~ (**til**).

² DA MATTA, Roberto: *Um Mundo Dividido: a estrutura social dos índios Apinayé*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

³ MELATTI, Júlio César: "Nominadores e Genitores: um aspecto do dualismo Krahó", IN SCHADEN, Egon (org.): *Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p. 139-148; e CARNEIRO DA CUNHA, Manuela: *Os Mortos e os Outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó*. São Paulo: Hucitec, 1978.

⁴ MELATTI, Júlio César: *Op. cit.*; e DA MATTA, Roberto: *Op. cit.*

⁵ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B.: *Araweté, os Deuses Canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

nascido é uma continuação energética da mãe e do pai, ainda não consolidado materialmente, o sangue/energia vital de uma pessoa torna-se poluente e enfraquecedor, daí a necessidade de se praticar o resguardo, constituído de uma série de técnicas que visam evitar a contaminação.

Os Javaé compartilham idéias muito semelhantes aos Bororo, descritos por Crocker [1985]⁶ em "Vital Souls", para quem as pessoas adquirem aos poucos uma quantidade limitada de energia vital, que é perdida com o correr dos anos, cada vez que substâncias corporais como o sangue, esperma ou leite materno saem do próprio corpo. Cada ser humano estaria acumulando energia vital (seja através do sêmen paterno ou do sangue materno que recebe enquanto feto, ou mesmo através da alimentação através dos anos) até um certo momento, que seria a menstruação, no caso das mulheres, ou o início da vida sexual, para ambos os sexos. A partir daí, quando essas substâncias começam a ser expelidas, através da liberação de fluidos sexuais, sangue menstrual, ou mesmo através da fabricação de filhos, feitos da mesma energia vital dos pais, teria início o processo de envelhecimento individual que leva inevitavelmente à morte.

Dentro desse contexto, a perda de sangue menstrual é a perda da mesma energia vital contida nas outras substâncias corporais. Os Javaé dizem que se uma menina tiver relações sexuais antes da primeira menstruação, esta é retardada e demora mais a vir. A menina que ainda é virgem não "gasta" energia produzindo fluidos sexuais, o que atrasaria a vinda do sangue menstrual, pois ela teria expelido parte da energia que dá origem à menstruação. É de se supor então que uma menina em constante atividade sexual, desde a infância, não menstruará nunca, porque acabaria com o seu estoque energético muito

⁶ CROCKER, Jon Christopher: *Vital Souls: Bororo cosmology, natural symbolism and shamanism*. Tucson, Arizona: University of Arizona Press, 1985.

Alguns aspectos da construção do gênero...

cedo. Como para os Bororo [Crocker, *ib.*, p. 61]⁷, os recém-nascidos são pura energia, frágeis e inconsistentes, somente adquirindo consistência sólida ao passar dos anos, de modo a poder expelir energia durante a adolescência.

Esse raciocínio implica na idéia de que as mulheres não menstruam antes porque não teriam energia suficiente para tal, pois não estariam totalmente formadas. Estando fisicamente consistente e com um estoque de energia que a torna independente dos pais, não mais fazendo parte de uma unidade biológica, por que motivo a mulher começaria a menstruar, a liberar energia de si mesma, iniciando a contagem do tempo, o processo de autodestruição, envelhecimento e conseqüente morte? Há mitos que explicam a origem da menstruação como sendo produto de uma relação social, de um encontro com o "outro", e não como um dado da natureza.

Como mostra um mito Karajá [Peret, 1979, p. 47]⁸, a origem da menarca é atribuída às mordidas de uma piranha que as mulheres teriam dentro do útero. O mito conta como dois irmãos resolveram se casar com as duas filhas de um poderoso feiticeiro, duas belas moças que viviam em um tempo em que o mundo ainda estava em transformação. Para isso, teriam que se submeter a uma série de provas, como trazer piranhas vivas ou buscar o mel de uma abelha muito venenosa. Os irmãos vencem todas as provas e em conseqüência o feiticeiro concorda com o casamento. Contudo, o pai das moças prepara uma surpresa desagradável aos dois, colocando piranhas dentro do útero das futuras esposas. Após descobrir a armadilha, um dos irmãos introduz no útero das moças uma planta venenosa para matar as piranhas, mas uma delas sobrevive. É essa piranha que, a partir

⁷ CROCKER, Jon Christopher: *Op. cit.*

⁸ PERET, João Américo: *Mitos e Lendas Karajá: Inã Son Wéra*. Rio de Janeiro: [S. n.], 1979.

de então, todos os meses provoca sangramento e dores nas mulheres, num período no qual os homens não têm relações sexuais, pois temem a "vagina dentada" de suas esposas.

O mito fala, sob o ponto de vista masculino, de como o casamento é considerado um desafio para os homens, um tema que se repete na cosmologia e que tem relação direta com o contexto sociológico da residência uxorilocal. As mulheres só ficam menstruadas porque os homens quiseram um dia casar com elas. Antes, o tempo não passava e elas tinham desde sempre a mesma quantidade de energia vital, pois o sangue não saía de seus corpos nem elas mantinham relações sexuais. Também os homens ainda não tinham entrado em contato com a mistura de substâncias corporais. Dá-se a passagem de um tempo em que não havia relações sexuais entre as pessoas, para um tempo em que as pessoas passam a fundir fluidos corporais. Foi depois do casamento, do encontro entre homem e mulher, da aliança entre o pai das moças e os homens de outra família, que o tempo teve início, pois a mulher começou a sangrar, e homens e mulheres passaram a liberar energia vital de seus corpos.

O mito coloca a origem do catamênio nas relações sociais e não como um fato da natureza. A aliança deu origem à sociedade, mas, principalmente, para os Javaé, ao início do fim, ao início do processo degenerativo do ser humano. Um paradoxo eterno, onde o prazer vem sempre associado à dor, pois o prazer das relações sexuais implica necessariamente no começo da morte daqueles que liberam energia vital.

A menstruação é então encarada pelos homens como um momento de perigo, simbolizado pela "vagina dentada" [Dietschy, 1976, p. 321]⁹ das mulheres, que poderia mutilar o pênis masculino. Manter relações sexuais ou aproximar-se

⁹ DIETSCHY, Hans: "Cultura como Sistema Psico-higiênico", IN SCHADEN, Egon. (org.): *Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p. 315-322.

Alguns aspectos da construção do gênero...

demais de uma mulher menstruada é contaminar-se com a energia vital do "outro", provocando a poluição do sangue, que deve ser purificado através das escarificações. Contaminar-se é perder o próprio poder, simbolizado pela perda possível do pênis, caso os homens enfrentassem a piranha existente na vagina.

Os indivíduos "pré-sociais", por uma questão de lógica, que é reforçada pelo que dizem os mitos, seriam seres donos de uma quantidade de energia vital inesgotável, porque permanecia sempre dentro dos limites do corpo humano, uma vez que não havia mistura de substâncias físicas. Não havendo "outros" (mulheres enquanto esposas), não havia relacionamentos sociais que produzissem a exteriorização da energia vital inicial. Tendo em vista a responsabilidade atribuída às mulheres, não é de se estranhar que estas sejam encaradas pelos homens como perigosas e não dignas de confiança.

A cosmologia e os rituais Javaé estabelecem uma diferença entre dois tipos de entidades mágicas - os Aruanãs (ou irasò, na língua nativa) e os aõni. Essas duas entidades mascaradas são o centro de alguns rituais, em especial a dança dos Aruanãs, o principal ritual Javaé, responsável pelo envolvimento de toda a comunidade em um complexo ciclo anual de danças e jogos.¹⁰

Os Aruanãs são os humanos originais que, por motivos que os mitos explicam, não conseguiram sair do nível aquático subterrâneo, de onde vieram os Karajá em geral. Aqueles que saíram para o nível terrestre transformaram-se nos humanos sociais; os que permaneceram no fundo das águas transformaram-se em Aruanãs, seres humanos mascarados, cuja característica principal é serem não-sociais, pois vivem entre si,

¹⁰ A dança dos Aruanãs é analisada em maiores detalhes em minha dissertação de Mestrado. Aruanã e aõni são, respectivamente, os horizontes possíveis de masculinidade e feminilidade Javaé.

sendo todos parentes consangüíneos. No mundo dos Aruanãs não há relações sexuais nem menstruação, pois não há "outros" ou esposas, uma vez que todas as mulheres existentes são irmãs dos homens. Conseqüentemente, não há liberação de energia vital, nem envelhecimento ou morte: os Aruanãs, considerados "bonitos", vivem num estado mágico de repleção energética, de forma que não têm apetite sexual. A comida é totalmente cozida e inesgotável, não havendo necessidade de se trabalhar para obtê-la. Quando vêm ao nível terrestre para dançar, trazidos pelos xamãs, os Aruanãs sentem repulsa aos fluidos corporais dos humanos, ou seja, a tudo que lembre a exteriorização da energia vital.

Os aõni, por sua vez, representam o extremo oposto das características dos Aruanãs. Vários mitos mostram como mulheres que cometeram atos anti-sociais (desde negar comida aos próprios filhos ou praticar incesto) transformaram-se em aõni, em um tempo já social, porém ainda em transformação, em que os humanos já habitavam o nível terrestre. Os aõni, que também são trazidos pelos xamãs para participarem de jogos com os Aruanãs, são tidos como apavorantes e horrorosos. São seres que possuem um apetite insaciável, pois passam fome em seu mundo de origem, uma dimensão terrestre invisível. Raramente encontram caça ou aves, que são sempre devoradas cruas. Assim como sentem fome, têm grande apetite sexual e atração pelo sangue, em especial pela menstruação das mulheres, que evitam tomar banho no rio ou sair no mato quando estão menstruadas, pois podem ser devoradas pelos aõni. Os aõni não são parentes entre si, mas, ao contrário, vivem num mundo onde todos são estranhos.

Em praticamente todos os mitos que recolhi, as mulheres cometem atos anti-sociais em um tempo já social mas anterior ao atual. Os mitos Javaé falam de irmãs que seduzem o próprio irmão, praticando o incesto; de mães esfomeadas que negam

Alguns aspectos da construção do gênero...

comida para a própria filha biológica; de avós que enganam os netos e os obrigam a comer a carne de sua própria mãe, representando o incesto simbólico; de esposas que escondem a água do próprio marido, obrigando-o a inventar o rio; de esposas que traem os maridos com um amante cujo falo é imenso, etc.

Nos mitos, essas mulheres imorais ou já são aõni, embora sob a aparência humana, ou transformam-se em aõni após praticar o ato imoral, como no paradigmático mito de Lākāni. A irmã seduz o irmão, que não sabia que estava mantendo relações sexuais com a própria irmã, forçando-o a praticar o incesto. Como forma de punição, ela é então transformada em Leimylò, um aõni terrível que tem a aparência de uma sucuri. O irmão, por sua vez, que é tratado pela narrativa como uma vítima das tendências anti-sociais de sua irmã, é premiado, digamos assim, e então transformado em Aruanã. Enquanto o irmão passa a viver entre os seus, saciado e realizando todos os seus desejos, a irmã é condenada a viver para sempre como uma cobra rastejante, cronicamente esfomeada e sem parentes.

Esse tema se repete em vários mitos. As mulheres são caracterizadas como seres cujos desejos individuais têm preponderância sobre a ordem coletiva. Antes de tudo, elas têm fome de comida ou sexo, e para saciar esses desejos são capazes de violar as mais básicas regras sociais, negando a continuação da sociedade. Os homens aparecem como as vítimas dos atos anti-sociais das mulheres. Em consequência, enquanto as mulheres são punidas, eles transcendem a condição anterior adquirindo algum tipo de poder, como forma de se defender ou controlar a atitude das agressoras imorais.

De maneira um pouco diferente do que diz Jackson [1988, p. 31-32]¹¹ sobre os Tukano, eu diria que nem as

¹¹ JACKSON, Jean E.: "Gender Relations in the Central Northwest Amazon", IN JACKSON, Jean E.: *Antropologica*. [S. l.: s. n.], 1988. pp. 17-38.

mulheres nem os homens Javaé tinham o poder nos tempos míticos (já no nível terrestre), mas que a grande transformação foi a instituição de um poder masculino, do poder aparente de um gênero sobre o outro.

Esse tema é dramatizado na dança dos Aruanãs, durante um ciclo de jogos em que os Aruanãs "brincam" (termo usado pelos Javaé) com os aõni. Os aõni são chamados de ijasò wèdena, ou seja, "mulheres dos Aruanãs". O termo wèdena é uma das palavras utilizadas para se referir às mulheres enquanto parceiras sexuais, de modo que os aõni e Aruanãs teriam uma relação simbólica equivalente à relação entre marido e mulher. Essa hipótese é confirmada totalmente durante os jogos entre as duas entidades.

Resumindo ao máximo, pode-se dizer que, nesses jogos, os xamãs trazem os vários tipos de aõni para serem flechados pelas duplas de Aruanãs. Os Javaé dizem que realizam os jogos porque os Aruanãs pedem, pois é a "diversão" deles "flechar" os aõni. Assim como as parceiras sexuais são consideradas "diversão" dos homens, os Javaé dizem explicitamente que "flecham", ou seja, mantêm relações sexuais, com suas mulheres. Na realidade, a "diversão" dos Aruanãs consiste em manter uma relação de poder e distância com os aõni, em mostrar que, apesar das ameaças, são os Aruanãs que controlam os últimos. Durante os jogos os aõni são caracterizados como agitados, movimentando-se sem um padrão definido, impulsivos, extremamente ativos e difíceis de controlar, ao contrário dos Aruanãs, cuja performance é sempre feita com movimentos controlados, contidos e acompanhados de músicas bonitas e inteligíveis, contrastando com os grunhidos ininteligíveis dos aõni [Petesch, 1987].¹² Apesar da ameaça constante dos aõni,

¹² PETESCH, Natalie: "Divinités Statiques, Hommes en Mouvement, Structure et Dynamique Cosmique et Sociale chez les Indiens Karajá du Brèsil Central", *IN Journal de la Société des Americanistes*, LXXIII. Paris: Université de Paris X - Nanterre. pp. 75-92.

Alguns aspectos da construção do gênero...

que são perigosos e temidos pela comunidade, os Aruanãs sempre terminam os jogos controlando os primeiros.

Além disso, a relação de marido e mulher, mantida entre Aruanã e aõni, é expressa pela representação do resguardo durante os jogos de flechar, prática típica dos pais após o nascimento de filhos. Assim como os pais de um recém-nascido, Aruanã e aõni não podem comer carnes durante um certo período dos jogos de flechar, equivalente simbolicamente ao resguardo.

O ato dos Aruanãs flecharem os aõni estabelece uma descontinuidade de poder entre ambos. Os primeiros estão sempre tentando manter os outros à distância, em seu "devido lugar". Os jogos de flechar, enquanto dramatização das relações entre os sexos, partindo de uma perspectiva masculina, "falam" de mulheres perigosas que precisam ser controladas.

As principais características dos aõni estão relacionadas com uma "fome permanente" de comida/sexo. São seres impulsivos, perigosos, agitados, sexualizados, vivendo em um estado de "insatisfação crônica", característica esta atribuída às mulheres (ou aos seres "femininos") pelo discurso masculino dos mitos.

A insatisfação crônica feminina, versus o estado de passividade e plenitude alimentar (e sexual) masculino, é tematizado também pelas músicas que os Aruanãs cantam durante suas danças.¹³ As músicas, na maior parte das vezes compostas por homens, falam de homens e mulheres em uma relação de afinidade, sendo tratados como parceiros sexuais.

¹³ Tive acesso a dezenas de letras, traduzidas e comentadas por um Javaé. Desse universo, apresentei 18 letras em minha dissertação. As músicas escolhidas foram gravadas aleatoriamente e representam o tema geral de todas as outras músicas, com exceção daquelas que possuem letras específicas sobre certos rituais.

As letras falam de mulheres que possuem um apetite sexual insaciável, descrevendo ao mesmo tempo homens não interessados em sexo. Falam de mulheres que seduzem crianças, porque não há homens viris na aldeia; que sempre tomam a iniciativa no ato sexual; que repetem o mesmo comportamento imoral da mãe ou que têm relações sexuais com vários homens; falam também de mulheres volúveis, impulsivas e adúlteras que usam os homens apenas para se satisfazer sexualmente; que andam despudoradamente pela aldeia, o que é sinal de desejo sexual; que se masturbam porque não encontram homens para satisfazê-las; e assim por diante, traçando um perfil feminino caracterizado por um desejo sexual muitas vezes maior que a capacidade dos homens em saciá-lo.

Por outro lado, os homens são retratados em uma posição passiva, aqueles que esperam a iniciativa das mulheres e que não mostram desejo sexual, como se estivessem satisfeitos ou não fossem viris. Não é difícil perceber que os atributos das mulheres lembram as qualidades dos impulsivos e perigosos aõni, cuja fome crônica é sua característica marcante. Os Javaé equivalem comida a sexo não apenas nos mitos como também nas falas conscientes do dia a dia. Também não é difícil de perceber que o perfil masculino, daquele que espera e que já está saciado, é o perfil dos Aruanãs, seres que vivem em um estado de repleção alimentar em seus mundos de origem. Mais do que isso, enquanto os aõni são descritos como seres sexualizados, os Aruanãs, como já foi dito, têm horror a sexo.

As letras musicais falam de uma perspectiva masculina, mas também refletem uma atitude própria das mulheres em relação à sexualidade e ao domínio do corpo, atenuando um pouco a ideologia masculina que expressam. Paralelamente ao que dizem as letras, os Javaé reconhecem que, tradicionalmente, a iniciativa nas relações amorosas é das mulheres, fato este já

Alguns aspectos da construção do gênero...

apontado por Donahue [1982]¹⁴ entre os Karajá. São as mulheres que tomam a iniciativa nos encontros amorosos proibidos, como no caso de namoros entre moças e rapazes, ou casos de infidelidade conjugal, diferentemente dos homens, aqueles que "esperam". Esse comportamento já havia sido observado pelo antropólogo suíço Dietschy [1976, p. 321]¹⁵, que esteve entre os Karajá na década de 50, em um artigo escrito na coletânea de Schaden [1976]¹⁶:

"(...)O comportamento mais reservado, quase tímido, do homem, principalmente quando jovem - em comparação com o das mulheres - que faz parte das boas maneiras; uma certa hesitação em contrair matrimônio, que, não raro, leva a moça a dar o primeiro passo; a fuga do noivo (não da noiva) após a cerimônia do casamento; o "ideal de solteiro", já relatado por Krause; e a correspondente linguagem dos mitos de tempos primitivos, (...) em que se fala de Amazonas (como diríamos nós, os ocidentais), da ignorância do ato sexual, da vagina dentata, até expressis verbis de frustrações do sexo - (...) tudo isso indica que o homem tende para um tipo de personalidade que se poderia descrever como a do puer aeternus, do eterno filhinho da mamãe."

¹⁴ DONAHUE, George Rodney: *A Contribution to the Ethnography of the Karajá Indians of Central Brazil*. Virginia, EUA, 1982. Tese de Doutorado. Universidade de Virginia.

¹⁵ DIETSCHY, Hans: *Op. cit.*

¹⁶ SCHADEN, Egon. (org.): *Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

É claro que o "ideal de solteiro", a timidez masculina (que ocorre entre os Javaé), a hesitação em contrair matrimônio (ritualizada pela própria cerimônia do casamento, como assisti entre os Javaé, e que já foi apontada por Donahue [1982]¹⁷); e a própria personalidade de puer aeternus, que parece expressar um desejo masculino de permanecer em um mundo sem outros/esposas; devem ser entendidos sem perder de vista o contexto sociológico da residência uxorilocal. São os homens que têm de se submeter à autoridade dos sogros (em especial a sogra), considerados, em algum grau, "estranhos" (mesmo que os homens se casem com as primas paralelas ou cruzadas), o que se constitui um trauma considerável para os Javaé e Karajá, dada a forte ligação emocional que mantêm com a casa materna e, mais especificamente, com a mãe e as avós.

Os homens Javaé se referem à casa onde moram, antes do casamento, como a "casa da minha mãe". Um rapaz me disse que as coisas "mais íntimas" de um homem, como alguns dos seus pertences pessoais, são deixadas na casa da sua mãe, mesmo depois de casados.¹⁸ Enquanto o casamento não adquire uma certa estabilidade, que vem após o nascimento dos filhos, os jovens maridos têm sempre em mente a possibilidade de retornar à casa materna, um refúgio seguro, em caso de desentendimentos na casa da esposa. O homem, quando se casa, sai de um ambiente onde está entre os seus e vai morar na casa de "outros",

¹⁷ DONAHUE, George Rodney: *Op. cit.*

¹⁸ Segundo Manuel Ferreira Lima Filho (LIMA FILHO, Manuel Ferreira: *Os Filhos do Araguaia - Reflexões Etnográficas sobre o Hetohoký Karajá, um Rito de Iniciação Masculina*. Brasília, 1991. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília), os dados Karajá "indicam que, particularmente no caso da moça, a avó tem um papel muito mais decisivo. Com os filhos homens é a mãe que estabelece uma forte e complexa relação" [p. 257]. Em outro trecho [p. 248], o autor diz que, "apesar de completa independência nas ações, os weryrybô (rapazes) são afetivamente dependentes da mãe".

Alguns aspectos da construção do gênero...

e só com o passar dos anos é que passa a ter algum prestígio e autoridade.¹⁹

Os homens se representam nas letras como seres passivos e, em certa medida, "satisfeitos/saciados", em contraste com as mulheres que tomam a iniciativa em busca do prazer e que estão sempre insatisfeitas com a ausência de virilidade em seus companheiros. Entretanto, essa imagem não parece corresponder totalmente à realidade. Mesmo que faça parte da feminilidade Javaé um ativo interesse em sexo, há um exagero nas letras: nem as mulheres são assim tão interessadas em sexo, nem os homens são tão pouco viris. Afinal, o estupro coletivo de algumas mulheres, que atraía homens de todas as aldeias, depõe contra essa imagem de desinteresse; além disso, a insistência em se tratar esse tema através das músicas revela, ao contrário, uma fixação dos homens.

Além do mais, a realidade sociológica também ajuda a atenuar o exagero das letras - são os homens os eternos "insatisfeitos", aqueles que têm de viver na casa de estranhos, submetendo-se à autoridade alheia, enquanto as mulheres se encontram em uma posição cômoda desde o dia em que nascem. Além de permanecer na própria casa quando contrai matrimônio, na casa que foi de sua mãe e que será sua, a mulher tende a obter maior prestígio que o homem durante a velhice, o que se dá principalmente através da oratória no âmbito público (através do choro ritual) ou privado, habilidade cultuada entre as mulheres. São as avós bilaterais as responsáveis pelo arranjo matrimonial entre duas famílias, as contadoras de mitos, as que têm o poder de acusar os suspeitos de feitiçaria nos choros rituais, as

¹⁹ O que é bastante similar ao que ocorre entre os Xavante (MAYBURY-LEWIS, David: *A Sociedade Xavante*. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1984) e Apinayé (DA MATTA, Roberto da: *Op. cit.*), por exemplo. Ver TORAL, André Amaral de: *Cosmologia e Sociedade Karajá*. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro; e LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *Op. cit.*, sobre os Karajá.

conhecedoras da terminologia de parentesco, as maiores autoridades domésticas e o principal referencial emocional dos jovens, que se tornam grandes ouvintes dos conselhos das avós.

O homem de idade, embora adquira prestígio dentro da casa da esposa ou na casa dos homens com o passar dos anos, é sempre uma figura apagada e sem brilho, se comparado com as mulheres de idade, respeitadas por todos e sempre ouvidas nas decisões importantes. O homem em geral, de modo bem mais desconfortável que a mulher, vive sob a influência marcante da mãe e das avós, de um lado, e da sogra, de outro, a "dona" da casa onde vai morar após o casamento.²⁰

Antes de finalizar, restam ainda mais algumas considerações sobre a masculinidade e sua relação com a figura dos Aruanãs. Os Aruanãs são trazidos ao nível terrestre pelos xamãs e representados por uma dupla de máscaras cuja característica principal é serem idênticas. Os Javaé dizem que as duplas podem ser de parentes, como um pai e um filho, ou até de um casal de marido e mulher. Como se sabe que no mundo aquático dos Aruanãs não há casamentos nem afins, pois todos são parentes entre si, os casais seriam formados de marido e mulher em potencial, ou seja, de homens e mulheres em um momento anterior à aliança. Diferentemente do que aconteceu aos humanos que saíram do nível aquático, a irmã de um não foi transformada em esposa de outro. Dessa forma, todos vivem uma afinidade apenas potencial, que não é jamais concretizada.

A semelhança na caracterização das máscaras referentes à dupla de marido e mulher em potencial sugere que no mundo aquático as diferenças anatômicas entre macho e fêmea não são

²⁰ LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *Op. cit.*, p. 261. reconhece que "a mãe, ao contrário do pai, aumenta a sua influência com a velhice. Ela é o centro do grupo doméstico. A sua experiência e a sua habilidade oral mantêm as famílias das filhas unidas a ela". O autor também sugere que a diminuição dos antigos "botoques" labiais (*Koluò*) dos homens, com o passar do tempo, estaria relacionada com a perda de prestígio na velhice [pp. 345-346].

Alguns aspectos da construção do gênero...

levadas em consideração para se pensar abstratamente a diferença de gêneros. A diferenciação quanto ao gênero só passou a existir quando irmãos e irmãs saíram para o nível terrestre e tornaram-se maridos e esposas, ou seja, quando a mulher tornou-se "outro".²¹

O mundo dos Aruanãs, que é o mundo dos consangüíneos e dos que vivem entre si, é um mundo onde não há nem masculinos nem femininos, mas apenas seres pensados como indiferenciados quanto ao gênero. O mundo dos aõni, por sua vez, é o mundo onde todos são estranhos entre si. Em ambos os casos, inexistente o contraste entre o eu e o outro, entre o consangüíneo e o afim e, conseqüentemente, inexistente a diferença entre o masculino e o feminino, enquanto gêneros abstratos e conceitos relacionais definidos socialmente. Os humanos sociais situam-se em um ponto intermediário entre a consangüinidade absoluta dos Aruanãs e a afinidade absoluta dos aõni. Os humanos sociais não vivem apenas entre si ou apenas entre "outros", mas entre consangüíneos e afins. Consangüinidade e afinidade só são associadas a masculinidade e feminilidade, respectivamente, quando pensadas em termos relacionais, o que ocorre na vida em sociedade. Enquanto categorias absolutas, a consangüinidade existente entre os Aruanãs e a afinidade existente entre os aõni são apenas os horizontes mais extremos da masculinidade e feminilidade Javaé, "exageros" não sociais.

Um dos temas da dança dos Aruanãs, que não pôde ser desenvolvido aqui, é o ideal dos homens em retornar às origens; trata-se de um desejo de voltar ao tempo/lugar de supressão da figura feminina enquanto "outro" e, conseqüentemente, ao apagar das diferenças entre os gêneros, tornando-se Aruanã. São

²¹ Existem alguns mitos que mostram como os grupos não Javaé, como os Kayapó e Avá-Canoeiro, por exemplo, ou mesmo os "brancos", são mulheres Javaé que se transformaram depois de cometer atos anti-sociais. A mulher é pensada simbolicamente como "outro".

os homens que mantêm o teatro dos Aruanãs, são os homens que mantêm a ilusão de que o retorno a um tempo mítico não-social, anterior à passagem para o mundo de fora, é possível; são os homens, enfim, que possuem um desejo de permanecer eternos, "entre si", sem as mulheres que deflagraram o tempo e a morte.

O desejo de cada homem, em última instância, é voltar a ser Aruanã real, o que implica em voltar a uma condição de indistinção quanto ao gênero e ausência de relações sexuais. Paradoxalmente, o ideal masculino é deixar de ser "masculino", deixar de ser "homem" enquanto gênero abstrato. Os homens incorporam os Aruanãs aqui no mundo terrestre, mas não "são" os Aruanãs, eles apenas almejam sê-lo; idealizam uma volta a um tempo/lugar só de semelhanças, ao invés da vida social, baseada no estabelecimento de diferenças, entre elas, a mais básica de todas, do ponto de vista Javaé, a que separa homens de mulheres.²²

SOME ASPECTS OF THE GENDER CONSTRUCTION AMONG THE JAVAÉ FROM THE BANANAL ISLAND

Abstract

Among the Javae of the Bananal Island, a Karaja subgroup, the concepts of masculinity and femininity are constructed through myths, rituals and music, from a male point of view. They are based on the contrasts of identity and otherness, consanguinity and affinity. Through the dance of Aruanas, men idealize the return to a mythic and non-social time/space, where time is static, death does not exist and people can live among themselves, without the undesirable "other", symbolically associated to women. Without "others", there are no sexual relations and therefore no loss of the vital energy contained in the bodies. The beginning of life in society is seen by the Javae (men) as the beginning of the relationships with "others", what led to the opening of the bodily orifices and therefore to the loss of vital energy, mainly through sexual relations.

²² CARNEIRO DA CUNHA, Manuela: *Op. cit.*, p. 127 fala de um ideal de sociedade masculina entre os Krahó, o que talvez pudesse ser melhor dito como "sem diferenças de gênero", pois o 'masculino' é um conceito relacional; JACKSON, Jean: *Op. cit.*, p. 31, a respeito dos Tukano do Vaupés, também fala de "mythic theme of a male paradise".

Alguns aspectos da construção do gênero...

The loss of vital energy, the flow of time and death are associated with the emergence of different genders and with femininity, which is thought of as otherness.